



Formação em tempos de diminuição da taxa de uso da mercadoria força de trabalho¹

Daniel Alvares Rodrigues²

O presente trabalho é um ensaio sobre as exigências hegemônicas constitutivas da idéia de formação dos trabalhadores, a partir do conceito da *diminuição da taxa de uso das mercadorias*, utilizado por Mészáros. Este trabalho levanta o desafio de uma definição metodológica para o estudo, pois entende que este fenômeno está subalterno às relações sociais produtivas capitalistas. Portanto, esse fenômeno não deve ser visto em si, mas dentro do desenvolvimento histórico das lutas de classe.

O ponto de partida teórico vem da reflexão de Istvan Mészáros, acerca da diminuição da taxa de utilização das mercadorias. Em seu sentido amplo, o autor demonstra a grande influência dessa lei do capitalismo na construção de uma sociedade de descartáveis, tanto dos bens e serviços, como da força de trabalho.

O conceito de diminuição da taxa de utilização das mercadorias é recuperado, pelo autor citado, como uma elaboração que os próprios economistas capitalistas do século XIX já apresentavam como parte inerente ao processo produtivo. A percepção da descartabilidade, de uma forma ainda discreta, foi vista por Babbage, segundo Mészáros com muita pertinência:

O efeito da concorrência, tornar mais baratos os artigos manufaturados, às vezes

¹ Parte deste trabalho foi enviado para o IV Congresso da ALAST.

² Professor do Departamento de Fundamentos Sócio-Filosóficos da Educação - Universidade Federal de Pernambuco -UFPE- (doutorando na UFSCAR) - danielrodrigues7@yahoo.com.br.

opera no sentido de torná-los menos duráveis. Quando tais artigos são enviados para consumo num lugar distante, e se quebram, muitas vezes ocorre que, sendo o preço do trabalho mais alto no lugar onde são usados do que naquele em que foram feitos, acaba sendo mais caro consertar o artigo velho do que comprar um novo³.

Este movimento está ligado com o imperativo da lucratividade guia da organização societária no mundo capitalista. Para Mészáros, essa visão está atualizada e ampliada:

(...) importa do ponto de vista do capital, a saber: que uma certa quantidade de valor de troca seja efetivamente realizada na mercadoria em questão através do ato de venda em si, sem levar em conta se ela subseqüentemente estará sujeita a uso constante ou a muito pouco (...)⁴.

Como a Força de Trabalho é uma mercadoria especial, devemos compreender como ela se insere neste contexto. Considerando o desperdício da utilização das mercadorias como parte integrante e deliberadamente cultivada no capitalismo, a mercadoria descartabilizada é expressa, segundo Mészáros, no desemprego estrutural existente⁵. Podemos, também, somar com essa questão mais geral a própria precarização do trabalho através da utilização de outros mecanismos como a terceirização, o subemprego e diminuição de direitos trabalhistas na ordem da preservação dos empregos formais.

Analisando esse conceito trabalhado por Mészáros, desdobramo-nos na realização da seguinte indagação: se a própria força de trabalho, enquanto mercadoria, expressaria várias formas de descartabilização, o que representaria, para o atual momento do capital, os processos de formação aos quais os trabalhadores vêm sendo submetidos?

De uma certa forma, a idéia de formação ou de qualificação e suas predecessoras, como a competência,⁶ a empregabilidade, circulam no interior de uma mesma concep-

3 Charles Babbage apud Istvan Mészáros, *Produção destrutiva e Estado capitalista*, São Paulo, Editora Ensaio, 1996, p. 25.

4 Idem, *ibidem*, p. 70.

5 Idem, *ibidem*.

6 Helena Hirata, "Da polarização das qualificações ao modelo de competência", In: C. Ferreti e outros, *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*, Petrópolis, Editora Vozes, 1994; S. Manfredi, "Trabalho, qualificação e competência profissional - das dimensões conceituais e políticas", In: *Revista Educação e Sociedade*, ano XIX, 64. Cedes, Campinas, Setembro 1998.

ção do determinismo tecnológico. O próprio sistema capitalista, a partir das inovações tecnológicas mais recentes, no seu processo produtivo e reprodutivo, apresenta-se hoje como o ápice da organização e desenvolvimento da história da humanidade. Nestas concepções, não há possibilidade da ruptura com o modo de produção capitalista. O que se desenvolve é o aperfeiçoamento desse modo de organização social, tanto prática como teoricamente. Portanto, o fim da história não é um *aberratio* dentro da lógica capitalista. A própria crítica porventura existente aos problemas oriundos do neoliberalismo é oferecida como um problema de forma, ou seja, como um efeito indesejado ou ocasional concebido como exclusão de grande parte da sociedade. Assim, a lógica é o desenvolvimento do capitalismo de forma inexorável, bastando à humanidade corrigir os seus excessos, corrigir seus rumos⁷. Com isto a contradição capital e trabalho é velada como questões de adaptabilidade de seus sujeitos à “nova” ordem do capital.

No livro *O Capital*, Marx aborda, em um determinado momento, a capacitação do trabalhador, tendo como eixo a intensificação do trabalho. Analisa a possibilidade do **aumento da produtividade** com o sistema de máquinas para, com isso, poder atingir o objetivo fundamental, que é a extração da mais-valia, possibilitando a acumulação de capital. Segundo ele:

Em termos genéricos, o método de produção da mais-valia relativa consiste em **capacitar o trabalhador**, com o acréscimo da produtividade do trabalho, a produzir mais com o mesmo dispêndio de trabalho no mesmo tempo⁸.

Para Marx, a própria ciência terá o caráter de uma força produtiva, tais os níveis de inserção e de modificação nos processos produtivos. Exercendo, para tal, um maior e mais desenvolvido controle sobre os trabalhadores.

Dentro da questão da produtividade, Frigotto apresenta outra questão central que se coloca como elemento de disputa. A interpretação da formação politécnica, defendida por Marx como sendo as transformações ocorridas na organização do trabalho,

- - - - -

7 Como o problema é colocado oriundo do determinismo tecnológico, com muita perspicácia, denota que as soluções também, nessa ótica, estariam também no campo tecnológico (Cf. E. Arrais, “Desqualificação global do trabalho: a excentricidade de uma visão unitária da classe-que-vive-do-trabalho”, In: *XXIV Reunião da ANPED*, GT: Educação e Trabalho, Caxambu, 2001).

8 Karl Marx, *O Capital: Crítica da Economia Política*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988, p. 467, grifo nosso).

hoje, seria uma forma de distorção da perspectiva materialista dialética. No caso, o autor apresenta, na sua essência e com clareza, as diferentes formas da exigência formativa para o trabalhador, a atual polivalência que difere da politecnicia” – expressão materialista dialética, que com Gramsci na definição da Escola única ganhará relevância maior. Quanto a primeira assim descreve:

(...) A literatura crítica tem chamado a atenção em relação a diferentes formas de ‘polivalência’, já que tipos de atividades polivalentes não demandam nenhuma maior qualificação e se trata apenas de intensificação do trabalho. Evidencia, por outro lado, a tensão real sobre a qual se dá a formação e qualificação humana para estar a **serviço da produtividade da empresa** quando esta se vê impelida, para manter-se competitiva, a entrar num processo de reconversão tecnológica⁹.

Já uma escola básica unitária tecnológica ou politécnica – espaço para a formação omnilateral do ser humano – organiza os processos epistemológicos buscando superar as polaridades crivadas pela separação social entre as classes. Destaca o autor:

[O] conhecimento geral e específico, técnico e político, humanista e técnico teórico e prático. (...) Tanto a identificação do núcleo necessário de conteúdos, quanto os processos os métodos, as técnicas não podem ser determinados nem pela unilateralidade da teoria (teorismo), nem pela unilateralidade da técnica e da prática (tecnicismo, ativismo), mas na unidade dialética de ambas, ou seja, na e pela práxis¹⁰.

Para Arrais, a qualificação também na ótica da perspectiva omnilateral humana difere da idéia da qualificação submetida aos interesses do aumento da produtividade no capitalismo. O autor vai abordar a necessidade de que o conceito de qualificação deverá apontar para um “(sujeito autônomo de sua própria construção histórica) expresso em todas as esferas de sua existência, rompendo com alienação e o estranhamento seja em que níveis e atividades estes se manifestem”¹¹.

- - - - -

9 Gaudêncio Frigotto, *Educação e a Crise do Capitalismo Real*. São Paulo, Editora Cortez, 1996, p. 156.

10 Idem, *ibidem*, p. 180.

11 Arrais, *op. cit.*, p. 13.

Na verdade, a compreensão da questão da formação dos trabalhadores não deve priorizá-la como uma qualidade em si¹² e sim como elemento constituído no conjunto das relações sociais. Esta ótica interpretativa está vinculada, também, com outros autores que reafirmam a questão da qualificação dentro das relações sociais de produção. Ou seja, ele se dá afirmando ou contrapondo-se aos diversos interesses existentes e, em especial, na idéia dominante da manutenção do processo de acumulação de capital, através da extração da taxa de mais-valia, com base no aumento da produtividade dos trabalhadores.

Para construirmos elementos de análise, realizamos um paralelo com Gramsci na construção da questão metodológica sobre a acepção do termo intelectual. Ousando incorporar essa construção teórica à questão da qualificação, pretendemos trabalhá-la como o ponto de partida metodológico a ser utilizado para enfrentar o problema da pesquisa. Para Gramsci, existe um erro comum metodológico na definição do termo intelectual. Vejamos o que Gramsci propõe:

O erro metodológico mais difundido, ao que me parece, consiste em se ter buscado este critério de distinção no que é intrínseco às atividades intelectuais, ao invés de buscá-lo do sistema de relações no qual estas atividades (e, portanto, os grupos que as personificam) se encontram, no conjunto geral das relações sociais¹³.

O mesmo aponta que não se deve priorizar a preocupação com as qualidades intrínsecas da atividade intelectual para entender o conceito mas sim, procurar a definição no conjunto das relações sociais no qual está inserida a presente atividade. A questão metodológica passaria por saber como analisá-la, não pela atividade de qualificação ou de construção de competências em si, mas através das relações sociais existentes e da necessidade do próprio capital em descartar a força de trabalho, em tempos de diminuição da taxa de uso da força de trabalho. Este é o desafio proposto.

- - - - -

12 Em si, o conceito está vinculado ao um processo comparativo dessa variável - a qualidade - com uma situação anterior. Ou seja, qualificação como caracterização de uma nova qualidade em relação à anterior. O mesmo vale para o conceito de desqualificação, sendo, no caso, caracterizado pela perda de algo considerado como qualidade, anteriormente. No entanto, o que buscamos concerne, fundamentalmente, às relações existentes.

13 Antonio Gramsci, *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1990, p. 07.